



Lucas Dilacerda, Abstração aberrante, 2015

## O TEMPO NÃO DIZ “EU”

LUCAS DILACERDA - ABCA/CEARÁ

**RESUMO:** O texto se debruça sobre os impactos da política do neoliberalismo no tempo e as suas respectivas mutações na experiência estética da obra de arte. Partindo desse contexto de crise da sensibilidade, o texto ensaia algumas estratégias de ação política frente ao problema do tempo neoliberal a partir da dissolução do “eu”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Neoliberalismo. Estética. Arte contemporânea.

**ABSTRACT:** The text focuses on the impacts of neoliberalism politics over time and their respective changes in the aesthetic experience of the work of art. Starting from this context of crisis of sensitivity, the text rehearses some strategies of political action in the face of the problem of the neoliberal time based on the dissolution of the “self”.

**KEYWORDS:** Time. Neoliberalism. Aesthetics. Contemporary art.

O neoliberalismo tem modificado drasticamente a nossa relação com o tempo. Se antes, o tempo já parecia ser algo que escapava às nossas mãos; hoje, ele se pulveriza e se desmancha diante de nós. O neoliberalismo é o novo colonialismo do século 21, afirma Achille Mbembe, no seu livro *Crítica da razão negra* (2013), no qual faz uma arqueologia da colonialidade e investiga as suas mutações contemporâneas. No colonialismo neoliberal tudo o que existe pode ser atribuído um valor no mercado, inclusive o tempo é monetizado e se torna hoje uma das mercadorias mais caras e preciosas da nossa época. Vivemos uma ditadura do regime de tempo do capitalismo que tenta a todo custo nos separar do tempo geológico da Natureza. Essa separação com o tempo natural tem provocado irreparáveis danos à nossa saúde psicossomática, perpetuando um projeto político de adoecimento coletivo da população a partir da propagação de afetos e sintomas neoliberais, tais como: a desatenção, o esquecimento, a apatia, o cansaço, a ansiedade etc.

Nossa época padece de um irrefreável e veloz consumo de imagens. A forma de vida neoliberal impõe o imperativo da hiper-excitação, que nos expõe a um excesso de estímulos no qual somos cotidianamente bombardeados por imagens, sons e informações. “A vida moderna é um mar de imagens”, afirma Camille Paglia, no seu livro *Imagens cintilantes* (2012), no qual faz uma análise de como o excesso de imagens tem destruído a nossa percepção. A autora, com todas as suas contradições, aposta na arte como uma maneira de reparação sensorial e pedagogia do ver. Entretanto, a própria arte está em crise. Como pode a arte promover uma regeneração da sensibilidade se cada vez menos tempo temos dedicado ao seu encontro? Virgínia Kastrup, no seu texto *A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade* (2012), constata que o tempo médio de permanência de um visitante diante de uma obra de arte é de menos de três segundos.

O regime contemporâneo da imagem - isto é, o seu processo de produção, circulação e consumo - tem cada vez mais reduzindo o tempo do encontro

com a imagem. Rosangêla Rennó, na exposição *Pequena ecologia da imagem* (2022) - título inspirado no clássico texto *Pequena história da fotografia* (1931), de Walter Benjamin - nos lembra que as imagens habitam uma determinada ecologia. Aqui, a ideia de ecologia não está restrita apenas ao meio ambiente, mas também ao meio social e a subjetividade, uma transversalidade que Félix Guattari, no seu livro *As três ecologias* (1989), chamou de “ecosofia”. Portanto, as imagens que produzimos e são consumidas em nossa sociedade também refletem os impactos ambientais e a nossa subjetividade em crise.

Será que as imagens estão perdendo a capacidade de nos afetar? No pouco tempo que dedicamos às imagens, poderíamos afirmar que temos, de fato, uma experiência estética? Ter uma vivência (*Erlebnis*) é diferente de ter uma experiência (*Erfahrung*), afirma Walter Benjamin. A perda da experiência tem provocado uma crise da memória. Cada vez mais é difícil produzir memórias do que nos acontece, pois cada vez menos estamos tendo experiências

intensivas e cada vez mais estamos reduzidos às vivências cotidianas, habituais e banais. A ausência de memória tem produzido uma pandemia de esquecimento. A perda do passado também se desdobra na nossa perda do futuro, fruto de uma crise da imaginação, que se encontra impotente para criar imagens de um outro futuro possível.

Talvez uma pista para a solução desses problemas esteja no tempo. Não nesse tempo colonial capitalístico, que é uma linha reta que sai do passado e aponta para o futuro, mira na evolução, no progresso, na promessa de modernidade. É preciso encontrarmos um novo tempo, com um outro desenho, com uma outra forma que não seja a da reta, mas que seja curvo, sinuoso, espiralar. Um tempo desconhecido que não diz “eu”. É nesse sentido que Henri Bergson denunciou que a humanidade espacializou o tempo. Por isso, era preciso libertar o tempo do espaço, deixá-lo livre das quantificações e extensões que o reduzem ao tempo do relógio. Bergson acreditava que o tempo era algo desmedido, uma

experiência e um mergulho no que tínhamos de mais íntimo: a memória da Natureza.

A experiência do tempo é próxima da experiência da morte. Não à toa que a dança que mais se debruçou sobre a matéria temporal foi o butô - a chamada “dança da morte”. Em suas cenas, os dançarinos parecem parados, como se nada estivesse acontecendo. Corpos dançam em movimentos lentos, quase imperceptíveis. Na verdade, não é que os corpos estão lentos. O que acontece é que eles acessaram um tempo outro, um tempo mudo que não fala e desconhece as armadilhas da linguagem e as suas palavras de “rápido” e “lento”, que por sua vez já são tentativas de espacializar e quantificar a experiência do tempo.

A emoção do tempo é uma emoção criadora. Georges Didi-Huberman, no seu texto *Que emoção! Que emoção?* (2013), afirma que a “a emoção não diz ‘eu’”. O tempo também não. O “eu” é um tumor que se forma no corpo do tempo, ele é um processo de subjetivação que forma o “sujeito”, aquilo mesmo que nos acorrenta ao

mundo como nos foi dado a conhecer. É nesse sentido que Denise Ferreira da Silva, no seu livro *A dívida impagável* (2019), afirma que para libertarmos a capacidade criativa radical da imaginação, teremos que abandonarmos as nossas velhas categorias de matéria e forma, logo de tempo e espaço. O desafio é de libertar o tempo das armadilhas do espaço, do cárcere do “sujeito”, da prisão do “eu”.

Por isso, o desafio está em encontrarmos esse tempo que não diz “eu”, esse tempo que desmorona os pilares ontoepistemológicos da modernidade colonial, que é o tempo das formigas e o tempo de uma floresta. Se há uma política neoliberal do tempo em curso, encontrarmos um tempo outro é também fazer política. A arte - ao diluir as coordenadas espaciais - tem a força de nos lançar em novas temporalidades. Esse mergulho nos mundos do tempo é uma maneira de nos reconectarmos com as forças cósmicas da Natureza e, assim, aprendemos com ela outros modos de habitar esse mundo.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia**. Obras escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?**. São Paulo: Editora 34, 2016.

FERREIRA da SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2009.

KATRUP, Virgínia. **A atenção na experiência estética**: cognição, arte e produção de subjetividade. Revista Trama Interdisciplinar, [S. l.], v. 3, n. 1, 2012.

KUNIICHI, Uno. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1 Edições, 2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PAGLIA, Camille. **Imagens cintilantes**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

RENNÓ, Rosângela. **Pequena ecologia da imagem**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo: 2021.

## LUCAS DILACERDA

Curador e crítico de arte realizou mais de 20 curadorias. Ministrou mais de 60 cursos e 180 apresentações em diversas instituições de arte no Brasil. Possui mais de 30 textos, críticas de arte e artigos publicados. É autor do livro “Pensamento alienígena: a fabulação de novos mundos possíveis”. Graduado (Licenciatura e Bacharelado) em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, com distinção *Summa Cum Laude*, pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Arte e Filosofia Clínica, pelo Instituto Packter; Mestre em Filosofia, com ênfase em Estética e Filosofia da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC; também é Graduando em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Ceará; e Mestrando em Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFC. É coordenador da CAV - Curadoria em Artes Visuais; do LAC - Laboratório de Arte Contemporânea; e do LEFA - Laboratório de Estética e Filosofia da Arte.